



O SUPLENTE SIBÁ MACHADO, AO LADO DE JUCÁ, GANHOU O CARGO EM 2003 QUANDO MARINA FOI ESCOLHIDA PARA ASSUMIR A PASTA DO MEIO AMBIENTE

PERPLEXIDADE ENTRE GOVERNISTAS

LEANDRO COLON

DA EQUIPE DO CORREIO

As 13h30 de ontem, Marina Silva telefonou para o senador Sibá Machado (PT-AC) e mandou o recado: estava deixando o Ministério do Meio Ambiente para retornar ao Senado. Ou seja, ele acabara de perder o mandato que ganhou como suplente dela em 2003. Naquele ano, Marina, então recém-eleita para o Senado, assumiu o ministério e abriu a vaga para Sibá.

Ciente de que estava prestes a deixar o mandato, Sibá preferiu o silêncio e não comunicou ninguém sobre o assunto. Logo depois, foi a vez de Tião Viana (PT-AC) receber uma ligação de Marina. O tema tratado foi o mesmo do de Sibá. Viana também escondeu a informação dos demais senadores. "Ela pediu reserva", alegou.

Poucas horas depois, a saída dela foi anunciada publicamente, causando espanto no Senado. Nem mesmo a líder do PT na Casa, Ideli Salvatti (SC), havia sido informada por seus senadores de bancada. Pega de surpresa, ela não escondeu a irritação por não ter sido, ao menos, avi-

DESMATAMENTO

No dia em que a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, entregou sua carta de demissão ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Câmara aprovou uma medida provisória que pode contribuir para o desmatamento na Amazônia, na visão de ambientalistas.

Governistas dizem que a MP apenas regulariza uma situação já comum na região. A MP 422 ampliou de 500 para até 1,5 mil hectares a área que pode ser concedida pela União na Amazônia Legal sem licitação. Aprovada pela Câmara, a proposta vai agora ao Senado.

sada pelos colegas. E pediu um tempo aos jornalistas para comentar a saída de Marina.

Ideli levou Sibá para uma sala reservada no cafezinho do plenário e telefonou para o ministro de Relações Institucionais, José Múcio Monteiro. Pediu uma orientação para afinar o discurso. Em vão. Múcio disse que ainda estava em curso uma operação política para reverter a situação. "Até o fim do dia teremos uma resposta", afirmou para Ideli.

Enquanto isso, Tião Viana já anunciava, com um discurso burocrático no microfone do plenário, a saída de Marina e seu retorno ao Senado. "É uma decisão absolutamente normal, tomada por razões que ela saberá dizer no momento oportuno à sociedade brasileira", afirmou. "É uma prerrogativa dela como pessoa, como agente público, entender que seria a hora de um retorno à sua atividade de senadora", ressaltou.

Cenário

Ainda sem qualquer orientação do palácio, Ideli optou por outro discurso. E afirmou que acreditava numa mudança de cenário. "Fomos surpreendidos com a notícia do pedido de afastamento da ministra Marina Silva e seu retorno ao Senado. Então, nós gostaríamos de deixar o registro dessa perplexidade que todos nós estamos sentindo com a notícia, que chegou há poucos minutos.

Eu gostaria de fazer votos e desejar que, se for possível, haja uma reconsideração", afirmou. Viana, porém, foi enfático aos jornalistas. "Ela (Marina) me disse que a decisão é irreversível."

A troca de Sibá por Marina representa uma preocupação para Ideli e até mesmo para o líder do governo no Senado, Romero Jucá (PMDB-RR). Desde 2003, Sibá tem cumprido com fidelidade as orientações de Ideli e do Palácio do Planalto. Começou o mandato no baixo clero do Senado e ganhou destaque por ser um dos soldados do governo na Casa. Marina não tem esse perfil. Com personalidade forte, costuma seguir suas convicções, perfil, aliás, confirmado com a saída do ministério.

Sibá chegou a presidir o Conselho de Ética na época dos processos de cassação do então presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), em 2007. O petista não agüentou a pressão e deixou o colegiado no meio das investigações. Agora, ele disse que só espera o retorno de Marina para deixar o Senado. O parlamentar admite a possibilidade de ela se licenciar por alguns meses, mas considera essa hipótese, por enquanto, remota.